

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

KETELLYN APARECIDA MACIEL DA SILVA

BISSEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR:
Uma análise sobre apagamento e monossexismo

RIO DE JANEIRO
2020

KETELLYN APARECIDA MACIEL DA SILVA

BISSEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR:

Uma análise sobre apagamento e monossexismo

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista
da Silva

RIO DE JANEIRO

2020

KETELLYN APARECIDA MACIEL DA SILVA

BISSEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR:

Uma análise sobre apagamento e monossexismo

Monografia submetida à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Elaine Constant Pereira de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Maria Jacqueline Girão Soares de Lima

Universidade Federal do Rio de Janeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos 8 dias do mês de setembro de 2020, com base na Resolução CEG nº 02, de 15 de abril de 2020, reuniu-se em sessão remota, que foi gravada, a Banca Examinadora da Monografia intitulada: *Bissexualidade no âmbito escolar: Uma análise sobre apagamento e monossexismo*, de autoria do(a) graduanda **KETELLYN APARECIDA MACIEL DA SILVA DRE 115.062.301**, do Curso de Licenciatura em Pedagogia. A Banca, participando por videoconferência, foi constituída pelos professores: **Prof. Dra. Elaine Constant Pereira de Souza**, **Prof. Dra. Maria Jacqueline Girão Soares de Lima** e **Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista da Silva** este na condição de orientador e presidente da sessão. Às 11 h, a sessão foi aberta, convidando-se à candidata a fazer breve exposição sobre a monografia em julgamento e concedendo-lhe o prazo máximo de 20 minutos. Finda a exposição, passou-se a palavra aos participantes da Banca Examinadora, esclarecendo-se que cada um deles dispunha de até 10 minutos para sua arguição e que o/a candidata dispunha do mesmo tempo para as respostas. Ao final da arguição, a Banca Examinadora analisou e decidiu reservadamente sobre a Monografia apresentada. A seguir, o presidente comunicou que a Banca Examinadora considerou a monografia **aprovada** com a nota **10,0 (dez)**. O presidente da Banca Examinadora deu por encerrada a sessão às h. E, para constar, eu, **Sérgio Luiz Baptista da Silva**, lavrei a presente ata que foi assinada por mim representando todo os membros da Banca e a candidata.

Prof. Dr. Sérgio Luiz Baptista
da Silva

Presidente da banca

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar a graduação não esperava que me tornaria essa pessoa, mas sim, primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado forças e auxiliado ao longo desses anos. Também agradeço aos meus guias que me auxiliaram e protegeram.

Também gostaria de agradecer a:

Meus pais por terem me dado suporte para conseguir me formar. Minha vó que sempre me deu forças e encorajou. As minhas gatas Min, Mewtwo e Princesa que foram minha luz e me ensinaram tanto.

Minha prima Thais que me ajudou em tudo, escutou cada pensamento meu seja de felicidade ou angústia. Foi essencial para que eu chegasse aqui, além de suporte emocional me ajudou também com trabalhos e a pensar nessa monografia.

As amigas que fiz na graduação, mesmo as que hoje não interajo mais, cada pessoa que fez os dias na faculdade se tornarem mais leves tem minha eterna gratidão. Também sou grata por todas as outras amigas, do ensino médio, twitter, kpop etc.

Meu orientador Sérgio por todo apoio e oportunidades. Ao grupo de pesquisa GE-SER, em que aprendi tanto com todos.

Ao CAP UFRJ, setor de educação infantil, em que fiz meu estágio, como também extensão, e mudou minha vida. Graças a metodologia e professoras incríveis me apaixonei pela educação infantil.

As professoras que marcaram minha graduação, pessoas incríveis que me ensinaram muito.

O programa de monitoria que participei durante 3 anos, contribuiu muito para minha formação e a bolsa me ajudou imensamente a me manter no curso.

O CLAC da UFRJ também me possibilitou escrever essa monografia, fiz o curso de inglês com isenção e me fez melhorar muito minha proficiência, sou muito grata ao projeto.

A Divisão de Psicologia Aplicada da UFRJ, a terapia me ajudou tanto que não tenho palavras para expressar minha gratidão. Agradeço também ao projeto de

extensão Comunidade que participei como aluna, um projeto incrível que me trouxe imensa alegria.

Por último agradeço a mim mesma, esses anos não foram nada fáceis, fui ao fundo do poço e voltei. Tenho muito orgulho de mim e gratidão por me ter.

RESUMO

A bissexualidade tem sido historicamente apagada por não se encaixar no binário da heterossexualidade/homossexualidade (LEWIS, 2012), com o apagamento sendo refletido também na falta de literatura sobre a bissexualidade e especialmente sobre bissexualidade na escola. Além disso, o preconceito contra bissexuais ainda é presente tanto na sociedade como no âmbito escolar, afetando diretamente os estudantes. Dessa forma, essa monografia tem como objetivo analisar porque ocorre o apagamento da bissexualidade na escola, compreendendo também a bissexualidade com suas mudanças históricas, a estrutura monossexista que causa o preconceito contra bissexuais e apresentar possíveis medidas para aumentar a visibilidade da bissexualidade na escola. Para fazer essa análise, tenho como referencial Butler (1990), Eisner (2013), Lewis (2012) e Louro (2018). A metodologia utilizada é de pesquisa bibliográfica, com levantamento sobre a literatura brasileira sobre bissexualidade e análise de 10 artigos em inglês do jornal acadêmico *Journal of Bisexuality* sobre bissexualidade na escola. Como resultado, a literatura internacional aponta que a estrutura monossexista resulta em um espaço escolar em que os estudantes não se sentem seguros, sofrem violência e têm sua sexualidade deslegitimada, sendo necessário que discussões sobre bissexualidade seja incluída no currículo e os professores estejam preparados para discuti-la, criando um espaço seguro para estudantes bissexuais.

Palavras chave: Bissexualidade; Bifobia; Monossexismo; Escola.

ABSTRACT

Bisexuality has been historically erased by not fitting in the binary of heterosexuality/homossexuality (LEWIS, 2012), the erasure is also reflected in the lack of literature on bisexuality and especially on bisexuality at school. As a result, prejudice against bisexuals is still present both in society and at school, directly affecting students. Thus, this monograph aims to analyze why bisexuality is erased at school, also understanding bisexuality with its historical changes, the monosexist structure that causes prejudice against bisexuals and offering possible measures to increase the visibility of bisexuality at school. To make this analysis, I use Butler (1990), Eisner (2013), Lewis (2012) and Louro (2018) as reference. The methodology used is bibliographic research, with a research of the Brazilian literature on bisexuality and analysis of 10 articles in English from the academic Journal of Bisexuality about bisexuality at school. As a result, international literature points out that the monosexist structure results in a school space in which students do not feel safe, suffering violence and having their sexuality delegitimized, being required discussions about bisexuality to be included in the curriculum and teachers to be prepared to discuss it, creating a safe space for bisexual students.

Keywords: Bisexuality; Biphobia; Monosexism; School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO	9
1.2 METODOLOGIA	10
2 CONCEITUALIZAÇÃO DA BISSEXUALIDADE E MONOSSEXISMO	12
2.1 SOBRE OS CAPÍTULOS	12
2.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	12
2.3 HISTÓRICO DA BISSEXUALIDADE	15
2.4 CONTINUIDADE SEXO-GÊNERO-SEXUALIDADE	17
2.5 BINARISMO HETEROSSEXUAL/HOMOSSEXUAL	19
2.6 BIFOBIA E MONOSSEXISMO	19
2.7 APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE	21
3 BISSEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR	24
4 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

A bissexualidade ainda é uma orientação sexual com pouca visibilidade e discussões na sociedade, existindo desinformação e deslegitimação tanto dentro quanto fora da escola. Com isso, pessoas bissexuais sofrem preconceito por não se encaixarem no binário da homossexualidade/heterossexualidade (LEWIS, 2012, p.14).

Este cenário causou meu interesse pelo tema já que a falta de informação fez com que eu demorasse para me identificar como bissexual. Também experienciei a deslegitimação ao contar para amigos e familiares sobre minha orientação sexual ouvi diversos comentários como “é só uma fase”, “eu entenderia se você fosse lésbica, mas isso já é palhaçada”, “você só está indecisa”, dentre outras.

A falta de informação e debate também se estende para a literatura sobre o tema, ao fazer um levantamento bibliográfico encontrei poucos trabalhos que discutem o assunto. Referencial teórico específico no campo da educação é ainda mais escasso, existe debate sobre homofobia e pessoas LGBT no geral, mas pouco sobre bissexualidade especificamente.

Nossa sociedade tem a heterossexualidade como norma e o binário heterossexual/homossexual instituído (LOURO, 2018, p.41). Com isto, a bissexualidade é apagada e bissexuais sofrem preconceito por não se encaixarem nesse binário (LEWIS, 2012, p.74). Ao julgar a escola como um espaço de não neutralidade e que é afetado pela sociedade, acredito que essa conjuntura atinja os estudantes.

A partir desse contexto, questiono como ocorre o apagamento da bissexualidade na escola? É necessário nos atentarmos aos estudantes que fazem parte de uma orientação sexual invisibilizada e deslegitimada, que os afeta diretamente em seu cotidiano, saúde e desenvolvimento.

Como objetivo geral irei analisar porque ocorre o apagamento da bissexualidade na escola. Referente aos objetivos específicos planejo compreender a bissexualidade e monossexismo, como também apresentar possíveis medidas para aumentar a visibilidade da bissexualidade na escola.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

Guacira Lopes Louro, Professora Titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ela concluiu a licenciatura em história nesta mesma universidade em 1969, finalizou o mestrado em educação no ano de 1976 e terminou o doutorado educação na Universidade Estadual de Campinas em 1986. Esta autora possui um amplo trabalho sobre questões de gênero, sexualidade e teoria queer em relação a área de educação, com isto se torna um referencial fundamental para minha pesquisa.

Seu livro “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer” teve sua primeira versão em 2003 e uma versão ampliada em 2018, a que utilizo como referência. A autora traz nessa obra reflexões sobre o que é teoria queer, como essa teoria pode ser aplicada no Brasil e no campo da educação. Pensando no que é considerado natural e normal, também analisa e propõe a desconstrução de binarismos.

Shiri Eisner é uma ativista e escritora Israelense, além de bissexual, é também genderqueer, feminista, anarquista e pessoa com deficiência/doença crônica. Ela é bacharel em estudos de arte interdisciplinar pretende retornar ao seu mestrado em estudos de gênero, escrevendo sobre bissexualidade na TV. É uma ativista pelo movimento bissexual em que fundou um grupo de suporte para bissexuais em sua cidade e seu blog “radicalbi” proporcionou diversos debates e informações sobre bissexualidade.

É também autora do livro “Bi: Notas para uma revolução bissexual”, publicado em 2013, que aborda questões essenciais sobre a bissexualidade. Fala sobre a história da bissexualidade, bifobia e monossexismo. Pensando na potência do movimento bissexual, como também sua relação com movimento LGBT e com pessoas racializadas.

Elizabeth Sara Lewis é professora adjunta da Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro (UNIRIO), com mestrado e doutorado em Estudos de Linguagem. Produziu trabalhos nas áreas de linguística, antropologia e filosofia, com foco de suas pesquisas em gênero e teoria queer.

Lewis produziu pesquisas e artigos sobre bissexualidade, em 2012 analisou narrativas de três ativistas bissexuais em sua dissertação de mestrado intitulada “‘Não é uma fase’: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais”. Nesse trabalho ela traz uma pesquisa sobre a construção sócio-histórica da bissexualidade, fala sobre teoria queer e apresenta diversos preconceitos que as ativistas sofreram que é frequente para muitos bissexuais como o apagamento de sua bissexualidade, supersexualização e associação com diversos estereótipos.

Judith Butler é uma filósofa estadunidense renomada pelos seus trabalhos sobre feminismo e teoria queer. O livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” de Butler aparece no trabalho das três autoras que utilizam sua teoria sobre sexo, gênero e sexualidade, sendo assim a linha que as conecta, me capacitando relacionar os três trabalhos.

1.2 METODOLOGIA

Gil (2008, p.50) define a pesquisa bibliográfica como uma pesquisa “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Neste trabalho optei por este método para explorar a literatura existente sobre esse tema, mesmo que o número de pesquisas neste tópico seja escasso, pois esse método possibilita conhecer o que já foi construído internacionalmente possibilitando vislumbrar possibilidades para a pesquisa sobre bissexualidade no Brasil e possíveis práticas educacionais.

O autor ainda diz que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2008, p.50) Com isso, nessa monografia irei expor uma visão ampla de diferentes tópicos que perpassam a bissexualidade na escola, desde questões conceituais, o que os estudantes e professores falam sobre a bissexualidade e possíveis medidas para acolher estudantes bissexuais.

Gil (2008, p.51) acrescenta que um dos contrapontos desse método de pesquisa é que “muitas vezes as fontes secundárias apresentam dados coletados ou

processados de forma equivocada. Assim, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar seus erros”. No entanto, as pesquisas foram analisadas e nenhum equívoco encontrado.

Pimentel (2001, p.180) diz que “estudos baseados em material primordial [...] extraem deles toda a análise, organizando-os e interpretando-os segundo os objetivos da investigação proposta.” Neste processo precisei ler e reler os artigos selecionados para poder identificar quais pontos de discussão e análise os autores tinham em comum, para assim organizar o que os autores discutem sobre o tema.

2 CONCEITUALIZAÇÃO DA BISSEXUALIDADE E MONOSSEXISMO

2.1 SOBRE OS CAPÍTULOS

Começo o primeiro capítulo falando do levantamento bibliográfico feito em sites de banco de dados brasileiro como BDTD, Dedalus, Minerva e Scielo. A pouca bibliografia sobre bissexualidade é um dado importante que exemplifica a invisibilidade da bissexualidade. Após discutir o levantamento, estruturo a base teórica com conceitos necessários para se entender o segundo capítulo da monografia. Apresento o histórico da bissexualidade, continuidade sexo-gênero-sexualidade, binarismo homo/heterossexual, bifobia e monossexismo e apagamento da bissexualidade.

No segundo capítulo trago o que os autores dos dez artigos selecionados do *Journal of Bissexuality* falam sobre bissexualidade em relação à escola. Categorizei oito tópicos que os autores discutem: falta de estudos sobre bissexualidade, agrupamento de B com LGT, política e currículo sobre bissexualidade, clima escolar, educação sexual, percepções sobre bissexualidade na comunidade escolar, melhorando o âmbito escolar para bissexuais e interseccionalidade. Esses tópicos são abordados de forma contínua, sem divisão em subtópicos no capítulo, um assunto é ligado ao outro.

2.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Tendo previamente contato com o tema por meio de discussões na internet e textos de ativistas, iniciei a pesquisa bibliográfica buscando a palavra chave “não-monossexualidade” em sites de banco de dados como Scielo e BDTD. . Entretanto, não encontrei nenhum resultado. Com isso, decidi usar a palavra chave “bissexualidade” para tentar encontrar algo sobre o tema, já que é a identidade sexual com maior visibilidade dentro da não-monossexualidade.

Monossexual significa “alguém que é atraído por pessoas de não mais que um gênero” (EISNER, 2013, p.11, tradução nossa)¹. Dessa forma, não-monossexual é alguém que se atrai por pessoas de mais de um gênero.

Com essa mudança de palavra chave obtive resultados, mas ainda não muitos. Até mesmo não encontrando nenhum trabalho na ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, uma entidade que é referência no campo da educação.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), aparecem 32 (trinta e dois) resultados encontrados, entretanto a maioria dos resultados só menciona a palavra “bissexualidade”, sem esse ser seu foco. Somente cinco resultados apresentados falam especificamente sobre bissexualidade, sendo constituídos de três dissertações e duas teses, o trabalho mais antigo é de 2003 e mais recente de 2018.

Dentro desses cinco resultados, quatro me chamaram atenção. Mariana Barbosa Almeida escreveu a dissertação de mestrado no programa de pós-graduação em psicologia da UFPE em 2007, intitulada “Bissexualidades femininas: repertórios entre jogos de (in)visibilidade”. Ela analisa 134 (cento e trinta e quatro) postagens na sessão “Bissexualidade feminina” no site “BlogSouBi.com”, procurando a produção de sentidos sobre bissexualidade feminina em contextos de comunicação virtual. A inquietação que a mobilizou para a pesquisa surgiu ao perceber que a bissexualidade quando colocada em pauta em rodas de conversa ou debates acadêmicos é tratada com desconfiança, sendo feitos comentários como “em cima do muro” ou que não se descobriram ainda. (ALMEIDA, 2015, p.18).

Outra pesquisa pertinente é a de Camila Dias Cavalcanti, com sua dissertação para conseguir o grau de mestre em sociologia pela UFPE em 2015. A dissertação procura analisar a bissexualidade como prática, orientação e identidade, levando em consideração as possíveis discriminações que podem sofrer. Para isso, analisou discursos acerca da bissexualidade, de pessoas ligadas ao núcleo Bis, movimento que faz parte de uma ONG, como também pessoas fora dele.

Elizabeth Sara Lewis realizou sua dissertação de mestrado pela PUC-Rio em 2012. Na pesquisa, são analisadas as construções identitárias

¹ Monosexual means someone who is attracted to people of no more than one gender.

performativo-discursivas de três ativistas LGBTQIA+ que se identificam como bissexuais em narrativas sobre o processo de sair do armário, estereótipos, preconceitos e discriminações bifóbicas.

Fernando Seffner é o único presente no levantamento que aborda a área da educação, em sua tese de doutorado, orientado pela doutora Guacira Lopes Louro, no programa de pós graduação em educação na UFRGS em 2003. Sua pesquisa fala sobre as identidades vinculadas às representações da masculinidade bissexual a partir de uma rede postal integrada por homens informantes espalhados pelo Brasil, num período de 1995 à 2000.

Essa análise é trazida para o campo da educação pelas chamadas pedagogias da sexualidade. Apesar de mencionar no resumo esse conceito de pedagogias da sexualidade, ele não se aprofundou no campo da educação, se mantendo principalmente no debate sobre as narrativas referente a bissexualidade masculina.

Ao buscar no Scielo (Scientific Electronic Library Online) a palavra-chave bissexualidade, obtive quatro resultados, com trabalhos de 1992 à 2007. Três estudos se referiam a área da saúde com pesquisas sobre HIV e práticas sexuais desprotegidas. A quarta pesquisa fala sobre o conceito psicanalítico de bissexualidade.

Ao pesquisar no dedalus, banco de dados bibliográficos da USP, e na Minerva, Banco de dados da UFRJ, encontrei um total de doze resultados. Esses bancos de dados são mais abrangentes que os mencionados anteriormente, com isso apareceram livros e reportagens na pesquisa. Contudo, não houve disponibilidade na internet para alguns desses resultados. Os que consegui acesso abordam principalmente a psicanálise e a área da saúde.

Levando em consideração a falta de literatura em português, tanto sobre a bissexualidade num geral, quanto especificamente em relação a educação, decidi pesquisar em sites em inglês. Dessa forma, me deparei com o site *Journal of Bissexuality*, um jornal acadêmico fundado por Fritz Klein, pesquisador estadunidense que nos anos 70 se deparou com a falta de pesquisas referente a bissexualidade, com isso ele começou a escrever, debater e pesquisar sobre a bissexualidade (Instituto Americano de Bissexualidade, 2014).

Fundou em 1998 o *American Institute of Bisexuality (AIB)* e em 1999 o *Journal of Bisexuality*. O AIB é um instituto de caridade que busca apoiar na pesquisa e educação sobre bissexualidade, sendo o *Journal of Bisexuality* um de seus projetos e jornal oficial (Instituto Americano de Bissexualidade, 2014).

Como esse é um jornal voltado para bissexualidade usei a palavra chave “school” para encontrar artigos relacionados à educação. Obtive 341 (trezentos e quarenta e um) resultados, contudo apenas dez eram centrados na escola, outros somente mencionavam a palavra ao longo do texto.

Desses dez artigos, dois falam sobre cultura escolar e bissexualidade, quatro falam sobre experiências e perspectivas de estudantes e/ou professores sobre bissexualidade e dois sugerem abordagens pedagógicas que apoiem estudantes bissexuais. Esses artigos foram escritos por autores de diversos países, como Canadá, África do Sul, Austrália e Estados Unidos. Apesar da diferenciação na localização geográfica possuem pontos em comum.

Outros dois artigos falam sobre uma edição especial do jornal intitulada “Bissexualidade na Educação” que contém alguns dos artigos mencionados previamente. Autores dos dois artigos se atentaram a falta de literatura que aborde bissexualidade na educação e então organizaram uma edição para discutir o tema.

Como esses dez artigos focam na bissexualidade e educação, os selecionei para fazer uma análise da bissexualidade no âmbito escolar no segundo capítulo dessa pesquisa, os relacionando com os conceitos que serão discutidos no primeiro capítulo.

2.3 HISTÓRICO DA BISSEXUALIDADE

Eisner (2013) faz um levantamento sobre o histórico da bissexualidade como conceito e conecta as mudanças no significado e percepções que são repercutidas até os dias atuais. O conceito surgiu no final do século XIX, época em que homens, principalmente europeus, começaram seu projeto de categorização do mundo (EISNER, 2013, p.9).

A autora fala que uma teoria famosa sobre sexualidade na época era a de inversão, se acreditava que gays e lésbicas eram “invertidos”, homens e mulheres

que internamente eram do "sexo oposto", sendo heterossexuais que nasceram no corpo errado (EISNER, 2013, p.10). Nessa teoria a bissexualidade era o que chamamos hoje de intersexualidade, pessoas com genitália ou outras características sexuais que não se encaixam no binário de sexo masculino e feminino (EISNER, 2013, p.10). Em que "[...] a parte 'masculina' de uma pessoa bi desejava homens enquanto a parte 'feminina' desejava mulheres" (EISNER, 2013, p.10, tradução nossa)².

Outra teoria que a autora discute é que Freud ao falar sobre desejo, descreveu a bissexualidade como a base em que se desenvolvia a heterossexualidade, considerada "normal", e a homossexualidade, vista como "patológica" (EISNER, 2013, p.10). Outro nome atribuído a bissexualidade era "perversidade polimórfica" e através do Complexo de Édipo a criança deveria passar por uma superação, reprimindo a bissexualidade com a qual nascia (EISNER, 2013, p.10).

Eisner (2013, p.10) argumenta que podemos notar percepções populares na atualidade decorrente da teoria de Freud, como "todo mundo é bissexual", "ninguém é bissexual", "bissexualidade é uma fase", "bissexualidade é imatura". Compreendo que a história e conceitos não seguem uma linearidade rígida, no entanto teorias podem repercutir no discurso popular, como se é observado nesse caso.

Outra teoria apresentada pela a autora é a de Alfred Kinsey, que foi o primeiro pesquisador no ocidente a tratar bissexualidade como uma orientação sexual viável e válida (EISNER, 2013, p.11). Criou a Escala de Kinsey que vai de 0 à 6, sendo 0 exclusivamente heterossexual e 6 exclusivamente homossexual. Bissexuais estariam somente no grau 3, sendo atraídos igualmente por homens e mulheres (EISNER, 2013, p.11).

Apesar de Kinsey trazer importantes contribuições para o estudo da sexualidade, questionamentos podem ser levantados sobre a escala criada. Como a restrição da bissexualidade, sendo que não necessariamente uma pessoa precisa estar igualmente atraída por "ambos" os gêneros para se identificar como bissexual. Outro ponto é que a escala considera somente homens e mulheres, não levando em consideração pessoas que não se encaixam nessa binaridade de gênero.

² [...] a bi person's "male" part desires women, whereas her "female" part desires men.

Eisner (2013, p.12) aponta que as primeiras falas sobre bissexualidade foram de médicos e psicólogos, durante um processo histórico de categorização e patologização, ou seja, transformar em doença aquilo que não é. Contudo, esse processo também criou a bissexualidade enquanto categoria, o que antes era visto somente como atos, se tornou possível de reconhecimento enquanto identidade (EISNER, 2013, p.12).

A autora relata que o movimento bissexual resgatou o termo enquanto conceito e identidade somente nos anos 70, contudo seguindo a caracterização do conceito médico como atração por ambos homens e mulheres (EISNER, 2013, p.13). Eisner (2013, p.13) contudo diz que apesar de utilizar essa definição, desde sua origem o movimento bissexual é aliado ao movimento trans, em que não haviam discussões que auxiliassem na utilização de uma linguagem adequada para amparar pessoas trans não-binárias, mas percebia-se essa intenção mesmo no início do movimento. Nos anos 90 e 2000 a definição mudou para acolher pessoas não-binárias, mudando para pessoas que se atraem por mais de um gênero (EISNER, 2013, p.13).

O site do coletivo brasileiro Bi-Sides traz em um artigo um documento que exemplifica e marca a reivindicação de bissexuais contra binaridade de gênero, o Manifesto Bissexual, publicado em 1990 no periódico *Anything That Moves*. O manifesto fala que

Não presuma que a bissexualidade é binária ou duogâmica em sua natureza: de que temos “dois” lados ou que precisamos nos envolver simultaneamente com ambos os gêneros para sermos seres humanos realizados. Na verdade, não presuma que só existem dois gêneros. Não confunda nossa fluidez por confusão, irresponsabilidade ou incapacidade de comprometimento. Não iguale promiscuidade, infidelidade ou comportamento sexual inseguro à bissexualidade esses são traços humanos que atravessam todas as orientações sexuais (BISIDES, 2020).

Apesar dessa mudança, a história e definição de uma identidade não é linear e nem única. Ainda ocorre a utilização da definição médica de atração por ambos os gêneros, outras como a já citada pessoas que se atraem por mais de um gênero e atração para gêneros similares e diferentes do seu também são utilizadas (EISNER, 2013, p.15).

2.4 CONTINUIDADE SEXO-GÊNERO-SEXUALIDADE

Sexo, gênero e sexualidade possuem discussões extensas com diferentes definições e considerações por diversos autores. Butler (1990, p.59) diz que gênero é a “[...] estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” Com isso podemos perceber gênero como um atributo que não é inato, apesar de aparentar ser.

Lewis (2012, p.51) diz que assim como gênero, sexo também aparenta fazer parte de uma categoria natural. Contudo, há uma percepção ainda mais forte de sexo como estritamente biológico e fato natural. A autora diz que muitos entendem gênero como construído socialmente a partir do sexo, este que não teria intervenção social para sua concepção. No entanto, sexo tanto quanto gênero, é uma construção social, histórica e cultural (LEWIS, 2012, p.51).

Com base em Butler (1990), Louro (2018, p.60) caracteriza a sequência sexo-gênero-sexualidade como uma “[...] premissa que afirma que determinado sexo indica determinado gênero e este gênero, por sua vez, indica ou induz o desejo”. A autora diz que é uma ordem que supostamente não pode ser desobedecida, mas ainda há quem subverta as regras. Com isso, para se manter vigente é necessário que seja afirmada constantemente, de forma sutil ou explícita (LOURO, 2018, p.40).

Eisner (2013, p.81) diz que quem subverte essa ordem é considerado incompreensível para a sociedade. Também se baseando em Butler (1990), Eisner (2013, p.81, tradução nossa)³ diz que

[...] a ordem de sexo, gênero e sexualidade é dependente da eliminação de identidades que a ameaçam, significando que qualquer combinação de sexo, gênero e sexualidade que é incoerente por esse padrão único simplesmente não pode existir.

Eisner ainda acrescenta que a continuidade sexo-gênero-sexualidade é fundamental para que a estrutura patriarcal se mantenha, sendo essa uma estrutura que visa que homens tenham controle da sociedade. A autora diz que para essa

³ [...] the order of sex, gender, and sexuality is dependent upon the elimination of identities that threaten it, meaning that any combination of sex, gender, and sexuality that is incoherent by this single standard simply cannot exist.

estrutura se manter é necessário que os binarismos criem uma hierarquia, pessoas designadas homem ao nascer sobre pessoas designadas mulheres ao nascer, pessoas cisgêneras sobre pessoas trans e pessoas heterossexuais sobre sexualidades queer (EISNER, 2013, p.81).

2.5 BINARISMO HETEROSSEXUAL/HOMOSSEXUAL

Louro diz que de acordo com Derrida, a sociedade ocidental funciona por meio de binarismos em que se “[...] elege e fixa uma ideia, uma entidade ou um sujeito como fundante ou como central, determinando, a partir desse lugar, a posição do “outro”, o seu oposto subordinado” (LOURO, 2018, p.39).

A autora também fala que um dos binarismos operantes em nossa sociedade é o heterossexual/homossexual, em que a heterossexualidade é considerada a norma, superior, já a homossexualidade é considerada o “outro”, inferior (LOURO, 2018, p.41). A heterossexualidade é constantemente reiterada, enquanto a homossexualidade marca o limite que não se devem aproximar (LOURO, 2018, p.41).

Louro (2018, p.41) ainda afirma que diversos teóricos queer apontam que esse binarismo rege tanto discursos homofóbicos quanto favoráveis à homossexualidade. Essa oposição binária exclui outras possibilidades de sexualidade, sendo a bissexualidade, dentre outras, considerada não válida já que transgride esse binário.

2.6 BIFOBIA E MONOSSEXISMO

Tanto a bifobia quanto monossexismo são amplamente contestados fora da comunidade bissexual e até mesmo dentro dela. Eisner (2013, p.34) diz que um dos argumentos utilizados é que bissexuais não sofrem uma opressão diferente de homofobia e lesbofobia. Isso é contraposto pela autora, ela diz que esse argumento apaga a singularidade da bissexualidade e nega sua existência, já que resume toda vivência bissexual a homossexualidade.

Bifobia é a opressão que bissexuais sofrem, Eisner (2013, p.171, tradução nossa)⁴ define como “[...] medo, ódio ou preconceito contra bissexuais”. A autora ao pesquisar sobre as discussões sobre bifobia, encontrou que o maior foco do debate é sobre estereótipos, quase resumindo toda opressão a isso. Outro ponto que a autora discute é como a maioria das discussões são voltadas para bifobia de gays e lésbicas, causando uma ilusão de que esses seriam os principais atores dessa estrutura opressiva, e não o heteropatriarcado (EISNER, 2013, p.35).

Eisner também aponta que o termo bifobia aparenta estar se referindo a um problema pessoal e não uma estrutura social, com isso ela propõe a utilização do termo monossexismo, mas sem abandonar o termo bifobia. Monossexismo é a “estrutura social operante através da suposição de que todos são, ou deveriam ser, monossexuais, uma estrutura que privilegia pessoas monossexuais, e pune sistematicamente as pessoas que são não-monossexuais” (EISNER, 2013, p.36, tradução nossa)⁵.

A autora afirma que o uso de monossexismo é para explicitar a existência de uma estrutura social originada do patriarcado que é experienciada não só por bissexuais, mas por todos (EISNER, 2013, p.36). Eisner defende a existência de privilégio monossexual, contudo eu ainda necessito de mais leituras e pesquisas para verificar essa concepção, me questiono se a utilização do termo privilégio seria a melhor colocação para gerar uma análise adequada.

Eisner (2013, p.36, tradução nossa)⁶ elucida em um parágrafo impactante como a bifobia e monossexismo afetam pessoas bissexuais

⁴ Biphobia is fear, hatred, or prejudice against bisexual people.

⁵ I define monosexism as a social structure operating through the presumption that everyone is, or should be, monosexual, a structure that privileges monosexuality and monosexual people, and that systematically punishes people who are nonmonosexual. I define monosexuality as attraction to only one sex and/or gender.

⁶ Monosexism kills. Biphobia kills. Bisexual people commit suicide, bisexual people get sick, bisexual people lose our homes, our families, our friends, our communities, our support, our jobs, our money, our education; bisexual people suffer violence and sexual violence; we are beaten, brutalized, bullied, bashed, raped, and sexually assaulted; we get STIs, no information, and no treatment; we get exploited, alienated, marginalized, disempowered, dismissed, erased, derided. And after all of this, we are told that it's all in our heads, that monosexism and biphobia do not exist, that those problems are our personal problems: We are pathologized. Our experiences, our lives, our pain, and our oppression are written out and wiped clean of history, culture, and community. But this is not our “personal” problem, this is not “just in our heads.” It is not a figment of the imagination. It is real, and we see it and feel it in our bones, as we struggle to survive and as we struggle to live. We testify as we also remember those gone: Monosexism kills. Biphobia kills.

Monossexismo mata. Bifobia mata. Pessoas bissexuais cometem suicídio, pessoas bissexuais ficam doentes, pessoas bissexuais perdem nossas casas, nossas famílias, nossos amigos, nossas comunidades, nosso suporte, nossos empregos, nosso dinheiro, nossa educação; pessoas bissexuais sofrem violência e violência sexual; nós somos espancados, brutalizados, sofremos bullying, somos surrados, estuprados e abusados sexualmente; Nós contraímos ISTs, sem informação e sem tratamento; nós somos explorados, desinformados, marginalizado, desempoderados, demitidos, apagados, ridicularizados. E depois de tudo isso, nos é dito que está tudo na nossa cabeça, que monossexismo e bifobia não existem, que esses são nossos problemas pessoais: Nós somos patologizados. Nossas experiências, nossas vidas, nossa dor, e nossa opressão é deixada de fora e apagada da história, cultura e comunidade. Mas esse não é nosso problema “pessoal”, isso não está “apenas em nossa cabeça”. Isso não é uma invenção da nossa imaginação. Isso é real, e nós vemos e sentimos em nosso ossos, enquanto nós lutamos para sobreviver e lutamos para viver. Nós testificamos e lembramos daqueles que se foram: Monossexismo mata. Bifobia mata.

Esse parágrafo mostra como essas estruturas afetam pessoas bissexuais diretamente em seu cotidiano. Falta informação, suporte e amparo para uma população que é deslegitimada constantemente, com pesquisas escassas e políticas públicas inexistente, pessoas bissexuais estão extremamente vulneráveis.

2.7 APAGAMENTO DA BISSEXUALIDADE

Eisner (2013, p.38, tradução nossa)⁷ define o apagamento da bissexualidade como “[...] o fenômeno social generalizado de apagar a bissexualidade de qualquer discussão em que seja relevante ou que de outra forma seria invocada.” Outro ponto que a autora fala é que o aspecto mais significante da estrutura monossexista é o apagamento da bissexualidade.

Com base em Yoshino (2000) Eisner (2013, p.37) diz que a invisibilidade da bissexualidade faz parte de uma construção social ativa, perpetuada pelos discursos de monossexuais, dessa forma não é uma característica inerente ou natural da bissexualidade. O apagamento está presente em todas as esferas da nossa sociedade e vida cotidiana, causando diversos efeitos como falta de uma comunidade, representatividade e reconhecimento (EISNER, 2013, p.38).

⁷ I define bisexual erasure as the widespread social phenomenon of erasing bisexuality from any discussion in which it is relevant or is otherwise invoked

Ainda se baseando em Yoshino, Eisner diz que o apagamento bissexual faz com que a bissexualidade não seja considerada uma identidade viável para as pessoas, já que muitos sequer sabem de sua existência. Além disso, podem sofrer pressões para mudarem sua identidade para qualquer outra que não bissexual e serem considerados monossexuais apesar de sua própria identificação (EISNER, 2013, p.39).

Eisner (2013, p.38) fala que a teoria de Yoshino chamada “Contrato Epistêmico do Apagamento Bissexual” diz que ambas estruturas da heterossexualidade e homossexualidade tem interesse no apagamento da bissexualidade. A autora discorre sobre alguns elementos dessa teoria que mostram tal interesse, como a estabilização da orientação sexual, já que considerando a bissexualidade viável o reconhecimento da heterossexualidade ou homossexualidade não poderia mais se basear em apenas provar a atração por um gênero, assim criando instabilidade e dificultando para pessoas héteros acesso a privilégios (EISNER, 2013, p.39).

Além disso, a autora fala como bissexuais são considerados promíscuos e vetores de doenças, dessa forma bissexuais iriam afetar a imagem de gays que visam se encaixar nos moldes heteronormativos, em que tentam se distanciar da noção de promiscuidade. A bissexualidade também é percebida como excessiva, já que consideram o normal a monossexualidade, isso ameaça a estrutura monogâmica, causando medo de traição e de os infectar com ISTs (EISNER, 2013, p.41).

Eisner (2013, p.46) ainda fala sobre o Relatório de Invisibilidade Bissexual feito em 2011 pela comissão de direitos humanos de São Francisco nos Estados Unidos, esse relatório traz importantes dados sobre a forma que vida de bissexuais é afetada pela bifobia e monossexismo. A autora destaca alguns pontos do relatório que falam sobre a saúde de bissexuais, em que bissexuais tendem a sofrer mais de depressão e ansiedade do que a maioria da população, ter pior saúde física, fumar e ter consumo excessivo de álcool do que héteros, gays e lésbicas, além de mulheres bissexuais sofrerem mais de violência doméstica e terem menor nível educacional (EISNER, 2013, p.47).

A autora também diz que o apagamento da bissexualidade causa uma falta de organização da comunidade bissexual e isso causa impactos significativos em sua saúde mental. O relatório sobre invisibilidade bissexual fala de uma pesquisa em que o estresse psicológico⁸ de lésbicas e mulheres bissexuais são similares em áreas rurais, enquanto em áreas urbanas o nível diminui para lésbicas e dobra para mulheres bissexuais. Isso pode ser ocasionado pelo amparo que lésbicas possuem por ter uma comunidade mais organizada e bissexuais não receberem apoio de comunidades de gays e lésbicas (EISNER, 2013, p.47).

⁸ Mental distress

3 BISSEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

Neste capítulo analisarei dez artigos do site *Journal of Bisexuality*, com o mais antigo sendo de 2005 e o mais recente de 2017. Os artigos são de 5 países diferentes, África do Sul, Austrália, Canadá, Estados Unidos e Nova Zelândia. Apesar das diferentes localizações os artigos apresentam muito em comum, apresentando debates e tópicos semelhantes, com isso reuni o que os autores abordam em conformidade.

Assim como em meu levantamento em sites de banco de dados brasileiros, os autores dos artigos encontrados no *Journal of Bisexuality* apontaram a mesma falta de literatura sobre bissexualidade na escola, sendo assim, uma questão em escala global (Elia, 2014; Francis, 2017; Lapointe, 2017). Como discutido no primeiro capítulo, os autores apontam que essa falta de literatura ocorre porque a bissexualidade não se encaixa no binarismo da sexualidade (FRANCIS, 2017, p.207). Não sendo reconhecida como uma orientação sexual válida pela estrutura monossexista, ocorre reflexos como a falta de pesquisa (ELIA, 2010, p.454).

Os autores ainda mencionam como ocorreu um aumento de atenção para as questões de pessoas LGBTQs na educação, contudo o mesmo não ocorreu para especificamente pessoas bissexuais (KENNEDY; FISHER, 2010, p.472). McAllum (2014, p.76) fala sobre pesquisas que possuem como categoria de análise apenas heterossexuais e não-heterossexuais, criando um grupo homogêneo a partir da combinação de diferentes identidades, presumindo que as questões de bissexuais são as mesmas de gays e lésbicas.

Elia (2010, p.453, tradução nossa)⁹ usa o conceito de Maria Pallotta-Chiarolli (2010) de “exclusão por inclusão” que exemplifica isto, o termo

[...] captura a dinâmica do que acontece quando pesquisadores usam “LGBTQ” como um tópico de pesquisa. O ‘B’ é incluído como sendo parte de uma categoria maior, mas é excluído na pesquisa por não serem específicos sobre os problemas relacionados a bissexualidade.

Com isso, podemos notar as diferentes nuances referente ao apagamento da bissexualidade. Além da falta de pesquisa, também há ausência de políticas

⁹ [...] captures the dynamic of what happens when researchers use “LGBTQ” as a research topic. The ‘B’ is included by being part of the larger category but is excluded in terms of researchers not being specific about the issues pertaining to bissexuality.

educacionais, que afetam diretamente o currículo escolar. Hillier e Jones (2014, p.54) falam que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) decidiu discutir diretamente sobre bissexualidade após pesquisas apontarem que estudantes bissexuais podem ser negligenciados em práticas educacionais.

Como discutido anteriormente, a continuidade sexo-gênero-sexualidade é constantemente reiterada na sociedade, com a escola muitas vezes ajudando a mesma se manter (LOURO, 2004, p.60). McAllum (2014, p.86) diz que na Nova Zelândia apesar da educação sexual estar incluída no currículo do país, uma pesquisa revelou que 80% das escolas não abordavam diversidade sexual em seus currículos. Contudo, a autora aponta que recentemente esse cenário tem mudado devido a uma campanha nacional apoiada pelo governo. Essa informação é importante para pensarmos que em nível nacional, o apoio do governo se mostra importante para ações estruturadas em todo território.

Elia (2010, p.456) diz que a escola reproduz e promove a heteronormatividade, consequentemente negligenciando em seu currículo pessoas não heterossexuais e especialmente bissexuais. O autor ainda acrescenta que questões referente a pessoas não heterossexuais acabam se enquadrando em currículos multiculturais e de educação sexual, mas que majoritariamente só abordam pessoas heterossexuais. Elia também diz que para alterar esse cenário, conseguindo ter maior visibilidade e aceitação de pessoas bissexuais, é necessário que a bissexualidade faça parte das discussões no currículo (ELIA, 2014, p.45).

Kennedy e Fisher (2010, p.478) falam de uma pesquisa feita com estudantes universitários, que aponta que incluir a bissexualidade no currículo traz benefícios não só para estudantes bissexuais, mas também para o restante dos estudantes, pois “[...] a discussão sobre bissexualidade pode ajudar os estudantes a entenderem melhor a verdadeira diversidade da sexualidade humana, como também promove uma compreensão mais rica de outros grupos dicotômicos” (KENNEDY; FISHER; 2010, p.478, tradução nossa)¹⁰. Como já discutido anteriormente, ajudando a sair de binarismos, entendendo o mundo com maior complexidade.

¹⁰ [...] the discussion of bissexuality can help students to better understand the true diversity of human sexuality, as well as promoting a richer understanding of other surface-level dichotomous groups.

Esse contexto afeta diretamente os estudantes, em que a escola acaba se tornando um ambiente que não os acolhem. Lapointe (2017, p.91) fala de uma pesquisa nacional feita nos Estados Unidos sobre clima escolar que aborda as experiências de estudantes LGBTQIA+. A autora fala do relatório de 2010 em que por causa de sua orientação sexual, 61% dos estudantes não se sentiam seguros na escola, 19% sofreram violência física e se tratando de violência verbal o número sobe para 85%, causando consequências para a saúde e integridade dos estudantes.

Lapointe (2017, p.91) ainda fala de uma pesquisa canadense sobre jovens bissexuais em que 26% de mulheres e 12% de homens foram fisicamente assediados, como também 43% de estudantes mulheres bissexuais sofreram assédio sexual. Robinson (2014, p.19) fala do estudo de Taylor (2011) que aponta como mulheres bissexuais possuem o maior índice de violência física, além de sofrerem difamação e acabarem se sentindo inseguras na escola, o que as leva faltar frequentemente.

Robinson (2014, p.19) também menciona um estudo feito nos Estados Unidos que assinalou como campanhas contra o bullying que consideram a discriminação contra orientação sexual, tem efeitos positivos para gays e lésbicas diminuindo o risco de suicídio, mas não mostra resultados com bissexuais. Isso exemplifica como é necessário pensar nas especificidades de pessoas bissexuais para que consigamos proporcionar projetos que os amparem.

McAllum (2014, p.81) mostra em sua pesquisa feita na Nova Zelândia, com 36 alunas bissexuais, alguns relatos de situações de violência que as estudantes passaram. Uma aluna relatou como os meninos pediam para assistir ela se relacionando com outra menina ou que ela era bissexual por acreditarem que ela não tenha tido um “bom pau”. Outra estudante relata como algumas meninas lésbicas na escola não queriam se aproximar dela, pois achavam que ela “vai para cama com qualquer coisa que se mexe”, além de sofrer violência física como puxarem seu cabelo e a empurrar nos corredores.

Esses relatos exemplificam a argumentação de Elia (2014, p.42) em que ele afirma como a saúde mental de bissexuais apresentar não estar bem, não é uma problemática inerente a bissexualidade, mas sim consequência da bifobia que

bissexuais sofrem. É necessário nos atentarmos às diferentes formas de bifobia para que possamos planejarmos medidas para protegermos estudantes bissexuais nas escolas.

Aulas de educação sexual é uma das áreas possíveis para discutir sobre bissexualidade, no entanto é necessário se atentar às diferentes abordagens possíveis. Elia (2014, p.48) fala das discussões na literatura sobre duas diferentes abordagens, uma baseada em fatores de risco, enfatizando os problemas e como bissexuais são oprimidos, ou então uma abordagem destacando a resiliência, focando na diversidade e potencial da juventude bissexual.

Ainda de acordo com o autor, historicamente ocorreu maior foco nos fatores de risco, contudo ele defende que ambas as abordagens são necessárias, com um equilíbrio entre elas sendo a melhor abordagem. Kennedy e Fisher (2010, p.474) falam que apesar da escola não suprir as necessidades dos estudantes bissexuais, é importante também focarmos em como o ambiente escolar pode proteger os alunos, não se limitando ao que não fazer.

McAllum (2014, p.83) aponta em seu artigo que a educação sexual nos currículos das escolas na Nova Zelândia são heteronormativos, informando apenas sobre ISTs e contracepção com o “sexo oposto”. A autora ainda fala como ocasionalmente abrangem questões de relacionamentos, mas nunca incluindo qualquer informação sobre pessoas LGBTQIA+.

Em sua pesquisa o apagamento da bissexualidade nas aulas foi algo destacado pelas estudantes, uma aluna por exemplo relata como ao questionar porque a professora não mencionava pessoas LGBTQIA+ recebeu como resposta que não era necessário falar sobre isso. Outra estudante relatou que a professora mencionou gays e lésbicas na aula, mas quando questionada sobre bissexualidade respondeu que seria “só semântica”, como se a bissexualidade não fosse uma possibilidade, reforçando seu apagamento (MCALLUM, 2014, p.83).

McAllum ainda fala como as estudantes relataram que no geral a educação sexual não as ajudaram como necessitavam, na verdade se sentiram confusas sobre sua sexualidade por causa da heteronormatividade constantemente afirmada. Também afirmaram como alguns aspectos foram úteis já que elas também se relacionam com homens, mas nada as preparou para relacionamentos com

mulheres. Outra estudante opinou como acredita que os professores deveriam focar menos em sexo e mais na sexualidade, pois esse seria um passo anterior a fazer sexo.

Francis (2017, p.210) fez sua pesquisa com 33 professores de Orientação de Vida, uma disciplina que faz parte do currículo da África do Sul em que devem ensinar sobre direitos humanos, cidadania, desenvolvimento físico, promoção da saúde, entre outros tópicos. Em sua pesquisa o autor analisou as diferentes narrativas construídas pelos professores sobre a bissexualidade, sendo uma delas a ligação da bissexualidade com um comportamento arriscado, com mais chances de contraírem ISTs e também ao abuso de drogas e álcool.

Além disso, o autor fala como os professores mantiveram a heterossexualidade como norma, também caracterizando a bissexualidade como uma fase. Também definindo como “[...] imatura, um estágio infantil de transição caracterizado por imagens de fragilidade, tormento, confusão e instabilidade” (FRANCIS, 2017, p.214, tradução nossa)¹¹.

Como visto anteriormente, esses estereótipos são comuns de serem propagados na sociedade, já que para estrutura monossexista a bissexualidade é instável e por isso não pode ser considerada uma orientação sexual admissível. Paradoxalmente, as narrativas dos professores reproduzem o que essa estrutura propaga e ajudam a mesma se manter.

Essa conjuntura afeta os estudantes com diversos casos de bifobia. Francis (2017, p.214) traz a fala de uma jovem bissexual em que a colega de quarto se mudou, pois descobriu sobre sua bissexualidade. Outros compartilharam suas experiências, como um rapaz em que o amigo o pediu para se afastar, como se o outro fosse dar em cima dele só por ele ser bissexual. Já outro jovem se sentiu magoado pela deslegitimação feita por sua amiga, ao dizer que ele só estava procurando atenção ao assumir que é bissexual.

O autor também relata que apesar desse contexto em que sofrem bifobia e são estereotipados, estudantes bissexuais não aceitaram esses rótulos. Francis (2017, p.214) descreve como estudantes se afirmaram com convicção que sua

¹¹ [...] immature, childish stage of transition characterized by images of fragility, torment, confusion, and instability.

orientação sexual é real, não é uma fase e não estão procurando chamar atenção, se afirmando com orgulho enquanto bissexuais.

Francis (2017, p.215) caracteriza as situações com piadas ou comentários sobre bissexuais feitos no cotidiano como micro agressões. O autor descreve um caso que mostra como isso pode ocorrer até mesmo por parte de professores, em que ao ser questionado pela professora o estudante conta que é bissexual e a professora responde que ele deve escolher um ou outro, invalidando a bissexualidade.

Apesar dessa conjuntura, o autor aponta que também houveram respostas por parte dos professores que indicaram desejo de aprender mais sobre a bissexualidade. Os professores declararam que são ou podem ser questionados sobre bissexualidade por parte dos seus estudantes e por isso precisam se informar mais sobre (FRANCIS, 2017, p.216).

McAllum (2014, p.86) relata que o currículo de saúde na Nova Zelândia inclui educação sexual, no entanto uma pesquisa revelou que 80% das escolas não abordavam diversidade sexual. A autora fala também do estudo de Sinkinson e Burrows (2011), como muitos professores podem não estar preparados adequadamente para abordar e dar suporte para seus estudantes, até mesmo não sabendo quais são as necessidades dos discentes. O estudo também mostra que os professores podem se mostrar relutantes para interferir em ocorrências de bullying, já que isso pode gerar complicações e trazer mais tarefas para si.

Uma tentativa de mudança desse cenário, para trazer mais segurança para estudantes LGBTQIA+ nas escolas, é um programa com atividades extra curriculares realizado principalmente nos Estados Unidos e Canadá, chamado *Gay-Straight Alliances* (GSA). Os GSAs são clubes com reuniões entre professores e estudantes, visando criar um espaço seguro para os estudantes e para discutir questões de pessoas LGBTQIA+ (LAPOINTE, 2017; KENNEDY, FISHER, 2010).

Ao longo de sua implementação, pesquisas assinalaram que os GSAs se mostraram eficazes em melhorar o ambiente escolar para estudantes LGBTQIA+ (KENNEDY; FISHER 2010, p.477). O modelo do clube chegou a inspirar programas semelhantes, como aponta McAllum (2014, p.86), em que na Nova Zelândia o *Queer-Straight Alliance Network Aotearoa* (QSANA) foi implementado trazendo

resultados positivos, a autora diz que algumas participantes de sua pesquisa relataram que os clubes ajudaram a aumentar a visibilidade da bissexualidade entre os colegas.

Apesar dos bons resultados há também algumas considerações sobre os clubes, como por exemplo somente ter gay e hétero no nome GSA, não dando visibilidade a outras orientações sexuais e pessoas trans. Kennedy e Fisher (2010, p.478) apontam que não há pesquisas que focaram no impacto dos GSAs em estudantes bissexuais especificamente, além de uma pesquisa ter assinalado como alguns clubes podem ter mais pessoas hétero aliadas do que pessoas LGBTQIA+, que mais necessitam desse espaço.

Lapointe (2017, p.92, tradução nossa) diz que os clubes podem oferecer a oportunidade para os estudantes considerarem estereótipos, repensar atitudes preconceituosas e compartilhar histórias enquanto LGBTQIA+. Podendo também discutir a heteronormatividade, como também desafiá-la, além de prover uma educação contra homofobia e bifobia.

Ao longo de seu artigo, Lapointe relata a experiência de estudantes e professores em três clubes GSAs no Canadá. A autora fala como ocorreram experiências em que professores se beneficiaram das discussões que ocorreram no clube, uma professora relata como aprendeu sobre bissexualidade e pansexualidade com uma estudante. Uma estudante também comentou como um professor orientador do GSA deve estar aberto a aprender com os estudantes, um importante fator já que a autora diz como os estudantes tinham mais conhecimento sobre diversidade sexual e fluidez do que os orientadores (LAPOINTE, 2017, p.101).

Não só professores aprenderam mais sobre diversidade sexual, um estudante comentou como já sabia sobre questões LGBTQIA+, mas com as discussões no clube aprendeu mais sobre diferentes orientações sexuais. Com os debates o clube se mostrou um espaço em que ajudou a rever tantos binarismos de orientação sexual quanto de gênero (LAPOINTE, 2017, p.102).

A autora também fala como as discussões no GSA motivaram os estudantes pesquisarem mais sobre questões LGBTQIA+, como também discutir com amigos sobre essas questões. Além disso, é relatado como as discussões no âmbito escolar não se limitam apenas ao clube, os estudantes também organizam workshops com a

supervisão dos professores orientadores em que socializam os debates que ocorrem no clube (LAPOINTE, 2017, p.103).

Apesar dos GSAs mostrarem bons resultados, Elia (2010, p.460) diz que não podemos nos contentar apenas com isso, precisando focar numa profunda reforma curricular. O autor fala como a bissexualidade e questões LGBTQIA+ muitas vezes se limitam às aulas de educação sexual e com discussões em apenas uma ocasião. O autor sugere que professores incluam materiais que realmente reflita as vivências de pessoas bissexuais através de textos e livros, a partir disso criar discussões e exercícios, assim mesmo que os livros não mostrem a bissexualidade de uma maneira positiva, o professor pode desconstruir preconceitos com os estudantes (ELIA, 2010, p.464).

O autor acrescenta que na própria formação de professores quase não é discutido sobre pessoas LGBTQIA+, ocasionalmente sendo inserido nos debates sobre multiculturalidade. Sendo necessário que a formação de professores os capacite para debater sobre questões de pessoas LGBTQIA+ de forma profunda, além de não se limitar apenas em discussões sobre pessoas monossexuais e cisgêneras (ELIA, 2010, p.465).

Elia (2010, p.465) também fala que precisamos de movimentação política e suporte dos responsáveis dos estudantes, pois dessa forma conseguiríamos mudar a forma como a heteronormatividade está em todos os campos do currículo. O autor fala que precisamos de uma infraestrutura para discutir gênero e sexualidade, dessa forma não precisaríamos depender de professores “legais” para abordar esses tópicos.

O autor também frisa a necessidade de diálogo com os estudantes para a construção do currículo, os professores não podem assumir quais são os interesses e necessidades dos estudantes sem os questionar do que precisam. É também necessário que as vozes dos estudantes não esteja somente presente na construção do currículo, mas também possuam autonomia na escola para proporem atividades e mudanças que os contemplem (ELIA, 2010, p. 466).

Em relação a construção do currículo, Louro (2018, p.45) discute sobre um currículo queer em que

Uma pedagogia e um currículo queer se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou

étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades.

A autora fala como essa proposta visa não só a discussão das diferenças, mas também a relação entre o eu e o “outro”, questionando os processos que produzem as diferenças e suas disputas (LOURO, 2018, p.45). Dessa forma, questionando também o binário heterossexual/homossexual e a heteronormatividade, podendo trazer inquietações até mesmo sobre o binarismo do conhecimento e ignorância (LOURO, 2018, p.46).

Kennedy e Fisher (2010, p.476) sugerem outras medidas para tornar a escola um espaço seguro para pessoas bissexuais, como informar os profissionais da escola sobre assuntos referentes a pessoas LGBTQIA+, a responsabilidade legal da escola em proteger os estudantes e os riscos que estudantes LGBTQIA+ enfrentam. As autoras também reforçam a necessidade de se discutir e informar especificamente sobre a bissexualidade, pois estudos apontam que a falta de informação sobre a bissexualidade está relacionada ao distanciamento de pessoas bissexuais.

As autoras também falam como é necessário que os professores assegurem que as salas de aulas sejam um espaço seguro, devendo agir contra qualquer tipo de preconceito que ocorra. Além disso, acrescentam como ter programas de orientação podem trazer benefícios para estudantes bissexuais, é necessário que os orientadores se informem dos fatores de risco que cercam esses jovens, se atentando que não são inerentes a bissexualidade, mas consequência de questões sociais (KENNEDY; FISHER 2010, p.479).

Outro ponto que as autoras abordam é a necessidade de auxílio com o isolamento que sofrem, já que isso pode ocorrer por parte da comunidade homossexual e heterossexual. Além do ambiente de orientação, também é indicado auxiliar com suporte da comunidade bissexual, procurando materiais de bissexuais criados para sua própria população (KENNEDY; FISHER 2010, p.481).

Um ponto importante apontado pelos autores é como não podemos analisar a bissexualidade por si só, também é necessário pensar em raça, classe, gênero, deficiência, etc. Elia (2014, p.48) fala que para descrever os diversos aspectos em

que os indivíduos experienciam opressão, que é baseado em vários fatores, feministas negras criaram a teoria interseccional. O autor fala como podemos usar a teoria para auxiliar na análise de diferentes nuances das opressões, como também as diferentes formas de ser bissexual, devemos entender sua complexidade, pois não há uniformidade.

Elia (2010, p.464) fala em outro artigo como a interseccionalidade, reflexão sobre opressões e como privilégios afetam os indivíduos são aspectos que está ausente tanto nas escolas, como também nos GSAs. O autor também fala que uma boa forma de se iniciar a discussão seria questionar a branquitude, já que ainda vemos o privilégio de pessoas brancas sendo normalizado. Ele reforça como é importante se atentar a não reproduzir racismo, sexismo, classismo e outros preconceitos quando discutir sobre bissexualidade.

Francis (2017, p.206) traça um paralelo entre a bissexualidade e ser biracial no contexto Sul Africano. O autor fala como ambas identidades são apagadas e afetadas por binarismos, em que a noção de ser biracial implica a existência de duas raças diferentes que originam uma combinação. Ele diz que tal binarismo foi instituído com o apartheid, que estabeleceu a estrutura binária com a norma e aqueles que desviam dela.

O autor também fala como a bissexualidade é afetada pelo binarismo de sexualidade e em conjunto com a noção de ser biracial, podem deixar os limites tanto de raça quanto de sexualidade menos evidentes (FRANCIS, 2017, p.207). Além disso, no artigo também é discutido como a invisibilidade da bissexualidade não é um fenômeno que sempre ocorreu no continente africano, antes da invasão colonial há registros de diversidade sexual, inclusive da bissexualidade.

Francis (2017, p.208) ainda fala como antropólogos coloniais apagaram ou exotificaram a bissexualidade e homossexualidade para o continente africano se adequar a sua construção sobre a África. Com isso, podemos refletir sobre as concepções que temos sobre o continente africano, podendo ser necessário averiguar a partir de qual perspectiva está baseado nosso conhecimento. Em paralelo com o que o autor traz sobre a África do Sul e continente africano, podemos pensar no Brasil enquanto país também colonizado, resgatar informações sobre diversidade sexual antes da colonização e apresentar como debate nas escolas.

Robinson (2014, p.18) também fala sobre colonização e sobre os povos originários no Canadá, pensando numa forma de educação que não apague a cultura desses povos, uma proposta que as escolas aborígenes têm seguido. A autora propõe a identidade *two-spirits* (dois-espíritos), uma identidade que não se encaixa no conceito colonial de gênero e sexualidade, para ser discutida em escolas aborígenes, em que isso poderia reduzir os índices de suicídio da população indígena.

As propostas da autora são para uma identidade e contexto norte americano, mas podemos usar seu exemplo para pensarmos nos povos originários do Brasil, com sua própria diversidade. Podemos trazer a cultura desses povos para a escola, nos auxiliando em pensar uma educação além de binarismos e que apresente a diversidade dos povos indígenas no Brasil.

Pallotta-Chiarolli (2014, p.13) fala da falta e necessidade de se explorar sobre fluidez e diversidade sexual em regiões como Ásia, América do sul, África e Oriente médio, que podem ter experienciado impactos de fundamentalismo religioso e colonialismo, assim afetando as construções sociais de gênero e sexualidade. A autora indaga como isso pode ter apagado e reescrito a diversidade de gênero e sexual antes da colonização nesses territórios. Também é mencionado uma pesquisa que apontam que a homofobia vista no continente africano seria um reflexo da disseminação do discurso de cristãos de direita, não algo inerente as culturas africanas, que na realidade tiveram sua história apagada.

Com as considerações dos autores sobre interseccionalidade, se mostra de extrema importância que façamos pesquisas no Brasil sobre bissexualidade, mas considerando outros atravessamentos como de raça, gênero, classe, deficiência, etc. Esse é um ponto importante para pensarmos a diversidade e diferentes necessidades que os estudantes bissexuais precisam que a escola esteja ciente e incorpore em seu currículo.

4 CONCLUSÃO

O apagamento da bissexualidade se mostrou presente desde o início da pesquisa, ao fazer um levantamento bibliográfico e encontrar poucos resultados, principalmente em português e ainda mais na área da educação. Mesmo pesquisando bibliografia em inglês, os autores apontam a mesma falta de literatura, sendo essa uma motivação para terem escrito sobre bissexualidade.

A bissexualidade teve diversas modificações em sua concepção e definição, sendo múltipla ainda nos dias atuais. Contudo, o movimento bissexual tem utilizado definições que respeitam pessoas trans não binárias, sendo a definição de “atração por ambos os gêneros” rejeitada pelo movimento. Dessa forma, falar que a bissexualidade é essencialmente transfóbica e binarista, não condiz com a história e reivindicações do movimento bissexual.

A sociedade ocidental possui estruturas que afetam a escola, é necessário ter conhecimento dessas estruturas para não perpetuarmos preconceitos e amparar pessoas que já são discriminadas em seu cotidiano. A sequência de sexo-gênero-sexualidade ainda é perpetuada pela escola, assim como binarismos dessas três categorias.

Outra estrutura presente é a do monossexismo, que ainda é pouco debatida e conhecida. Dessa forma, bissexuais sofrem bifobia e muitos nem sabem que existe uma estrutura social que causa o preconceito que sofrem, ou até mesmo não possuem conhecimento de que sofrem bifobia.

O apagamento da bissexualidade é um fenômeno social que dificulta o reconhecimento de bissexuais sobre sua própria identidade e questões ocasionadas por ela, em que sua orientação sexual é deslegitimada. Dificultando assim, a própria organização de bissexuais, para que discutam, construam suas pautas e se organizem politicamente.

Essas estruturas repercutem na escola, afetando estudantes bissexuais. Sua identidade e especificidades não são consideradas, julgando que suas experiências seja a mesma de monossexuais. Isso se estende desde políticas públicas ao currículo e cotidiano escolar.

Com a escola reproduzindo a heteronormatividade, sem planejar um currículo que acolha estudantes bissexuais, o ambiente escolar não se torna seguro para esses estudantes. Os próprios relatam que não se sentem seguros, relatando casos de violência física e verbal, além de assédio sexual. Com um ambiente repleto de bifobia, ocasiona os estudantes faltarem à escola e no declínio de sua saúde mental.

Uma possibilidade para mudar esse cenário é discutir sobre bissexualidade em aulas de educação sexual, mas se atentando a não focar apenas em fatores de risco como bissexuais são afetados pela bifobia, mas também abordando suas potencialidades. Essa discussão é positiva para todos, apresentando como a sexualidade humana é diversa e a existência além dos binarismos socialmente construídos.

Para isso ocorrer é necessário que os professores possuam uma preparação adequada para não reproduzirem heteronormatividade e bifobia com os estudantes. Precisamos de uma formação básica e continuada que prepare os professores para lidarem com questões de pessoas bissexuais, para intervirem quando presenciarem preconceitos e desconstruírem seus próprios.

Apesar de estarem cercados de um ambiente repleto de bifobia, tanto por seus pares quanto pelos professores, os estudantes bissexuais afirmam sua sexualidade e não se deixam rotular pelos estereótipos. Contudo, é necessário tomar cuidado ao tentar se distanciar dos estereótipos, dessa forma criando um conceito de bissexualidade higienizada e assimilacionista, restringindo suas possibilidades de expressão e vivência.

Atividades extracurriculares podem ser um espaço para discussões de questões sobre bissexualidade. O formato de clube pode ser uma das opções, já que proporciona encontros regulares e uma possível mobilização para que as discussões do clube se ampliem para toda escola. É importante que os professores responsáveis pelo clube ou outro formato de atividades, escutem as necessidades dos estudantes e suas contribuições.

Apesar dessa ser uma boa contribuição, ainda devemos fazer mais. É necessário que diversidade sexual e a bissexualidade sejam discutidas em todas as áreas do currículo, não sendo restrito a uma pequena parcela de estudantes e a um espaço reservado que dependa da mobilização de um professor.

É preciso que essas discussões estejam presentes no cotidiano da sala de aula e em suas atividades, para isso é necessário que o currículo da escola esteja estruturado para promover esses debates. Para mudanças em nível nacional é necessário pressionarmos para mudanças que acrescentem pessoas LGBTQIA+ em planos educacionais para todo o país.

Suporte além do âmbito educacional também pode ser necessário, como programas de orientação e apoio psicológico, já que a saúde mental de pessoas bissexuais é um fator preocupante. Além disso, tentar ligar esses jovens a uma comunidade bissexual pode ser positivo, ter um espaço que possam discutir com outras pessoas sobre questões em comum enquanto bissexuais.

Todas as medidas tomadas e todo o currículo deve levar em consideração todas as opressões que perpassam os estudantes, sendo bissexuais também podem ser afetados pelo racismo, classismo, capacitismo, misoginia, etc. É também necessário fazer com que os estudantes prestem atenção em seus próprios privilégios para que não reproduzam preconceitos e se eduquem sobre todas as opressões.

Devemos também levar em consideração o tipo de epistemologia que estamos repassando e que a escola reproduz, sendo enriquecedor pensar sobre outras sociedades e possibilidades. Por exemplo, diferentes formas de se pensar gênero e sexualidade em diferentes culturas do continente africano e povos originários.

Essas considerações devem não só guiar ações na escola como também em futuras pesquisas sobre bissexualidade. Ainda temos poucas pesquisas sobre bissexualidade no Brasil, sendo necessário levar em consideração as implicações de ser brasileiro e pensar interseccionalmente já que é algo pouco desenvolvido na literatura internacional. Como raça, classe, gênero e deficiência se interseccionam com a bissexualidade?

As pesquisas sobre bissexualidade no âmbito escolar também possuem necessidade de serem desenvolvidas, pensando nas particularidades dos estudantes brasileiros. Precisamos saber de suas especificidades e da escola pública brasileira para pensar no desenvolvimento de projetos que os ampare.

Além da bissexualidade há outras sexualidades que não são monossexuais, sendo necessário pesquisas referente a elas, já que compartilham muito em comum com a bissexualidade, também sofrendo sob a estrutura monossexista. Sendo necessário que haja informações sobre elas para que os professores se interessem sobre o assunto, contudo o fator é estar aberto a escutar sobre as vivências dos estudantes, já que a diversidade sexual é ampla.

Esse cuidado também precisa estar presente em políticas públicas na educação e nos currículos das escolas, para que o monossexismo e outras formas de opressão não sejam reproduzidas. Enquanto abordamos pautas sobre a população LGBTQIA+ para serem discutidas na escola, é fundamental se atentar para que a bissexualidade não seja invisibilizada.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Fernanda Tavares de Mello, et al. **Os cuidados em saúde das mulheres homossexuais e bissexuais e os aspectos referentes a vulnerabilidade**. Congresso Paulista de Saúde Pública. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 22, supl. 1, p. 208, set. 2013.

ALMEIDA, Marianna Barbosa. **Bissexualidades femininas: repertórios entre jogos de (in)visibilidade**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

BUSSCHER, Pierre-Olivier. **Rituais de troca e práticas sexuais masculinas: sexo impessoal: entre a erotização do espaço e a organização das indidentidades (bi)sexuais**. Lugar comum : estudos de mídia, cultura e democracia, n.2/3, 1997, p.147-160

CARNEIRO, Cláudia Aparecida. **Sobre as origens e os destinos da bissexualidade psíquica na constituição do sujeito**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DELOUYA, Daniel. A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 205-214, Dec. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

DIAS CAVALCANTI, Camila; MUTZENBERG, Remo. **Visíveis e Indivisíveis: Práticas e identidade bissexual**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

EISNER, Shiri. **Bi: notes for a bisexual Revolution**. Berkeley: Seal Press, 2013.

ELIA, John P. Bisexuality and School Culture: School as a Prime Site for Bi-Intervention. **Journal of Bisexuality**, São Francisco, p. 452-471, Dez. 2010.

ELIA, John P. Bisexuality and Schooling: Erasure and Implications for Health, **Journal of Bisexuality**, São Francisco, p.36-52, Fev. 2014.

ELIA, John P. Bisexuality in Education: Exploring the Experiences, Resourcing, and Representations of Bisexual Students, Bisexual Parents, and Educators in Educational Systems—A Discussion. **Journal of Bisexuality**, São Francisco, p.146-150, Fev. 2014.

FRANCIS, Dennis A. “I think we had one or two of those, but they weren't really”: Teacher and Learner Talk on Bisexuality in South African Schools. **Journal of Bisexuality**, Stellenbosch, v.17, n.2, p.206-224, 2017.

GONDIM, Rogério C.; KERR-PONTES, Lígia R. S. Homo/bissexualidade masculina: um estudo sobre práticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 3, n. 1-3, p. 38-49, dez. 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2000000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

GRECO, Marília et al . Diferenças nas situações de risco para HIV de homens bissexuais em suas relações com homens e mulheres. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 41, supl. 2, p. 109-117, Dec. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000900017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

GUIMARAES, Carmen Dora; TERTO JR, Veriano; PARKER, Richard G.. Homossexualidade, bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: uma bibliografia anotada das ciências sociais e afins. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 151-183, 1992. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311992000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2020.

JONES, Tiffany. HILLIER, Lynne. The Erasure of Bisexual Students in Australian Education Policy and Practice. **Journal of Bisexuality**, Armidale, p. 53-74, Fev. 2014.

KENNEDY, Kelly Graydon. FISHER, Emily S. Bisexual Students in Secondary Schools: Understanding Unique Experiences and Developing Responsive Practices. **Journal of Bisexuality**, Los Angeles, p.472-485, Dez. 2010.

LAPOINTE, Alicia Anne. "It's not Pans, It's People": Student and Teacher Perspectives on Bisexuality and Pansexuality. **Journal of Bisexuality**, Ontario, v.17, n.1, p.88-107, 2017

LEWIS, Elizabeth Sara. **Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. (Dissertação) Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Letras. Rio de Janeiro, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MCALLUM, Mary-Anne. "Bisexuality Is Just Semantics...": Young Bisexual Women's Experiences in New Zealand Secondary Schools. **Journal of Bisexuality**, Auckland, p.75-93, Fev. 2014.

PALLOTTA-CHIAROLLI, Maria. Erasure, Exclusion by Inclusion, and the Absence of Intersectionality: Introducing Bisexuality in Education. **Journal of Bisexuality**, Burwood, p.7-17, Fev. 2014.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , n. 114, p. 179-195, nov. 2001 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 Ago. 2020.

ROBINSON, Margaret. "A Hope to Lift Both My Spirits": Preventing Bisexual Erasure in Aboriginal Schools. **Journal of Bisexuality**, Toronto, p.18-35, Fev. 2014.

RODRIGUES, Julliana Luiz. **Lésbicas e mulheres bissexuais: uma leitura interseccional do cuidado à saúde**. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. (TESE) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2003.

TELES, Vânia Maria Congro. SIGELMANN, Élida. **Bissexualidade: identidade, identificações e comportamento sexual - um estudo de casos**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Psicologia, 1999.

VITTAR, Hilda. **A questão do objeto em um caso de bissexualidade**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. *Asephalus*, v.3, n.6, 2008, p.98-105.

YOSHINO, Kenji. The Epistemic Contract of Bisexual Erasure. **Stanford Law Review**, 2000.